**A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CRISTÃ: O REINO DE DEUS PREGADO POR PAULO
DE TARSO EM CONTRASTE AO SISTEMA DE PATRONAGEM DO
IMPÉRIO ROMANO**

**THE IMPORTANCE OF ORALITY IN THE CONSTRUCTION OF
CHRISTIAN IDENTITY: THE KINGDOM OF GOD PREACHED BY
PAUL OF TARSUS IN CONTRAST TO THE PATRONAGE SYSTEM
OF THE ROMAN EMPIRE**

**LA IMPORTANCIA DE LA ORALIDAD EN LA CONSTRUCCIÓN DE
LA IDENTIDADE CRISTIANA: EL REINO DE DIOS PREDICADO POR
PABLO DE TARSO EM CONSTRASTE COM EL SISTEMA DE
PATRONAZGO DEL IMPERIO ROMANO**

Pablo Gatt

Doutor em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: gattpablo@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi62.72884>

Recebido em 11/07/2024

Aceito em 16/12/2024

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOOrOC-Feusp / GTSEAM

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a influência do discurso de Paulo de Tarso na formação da identidade cristã, destacando o contraste de suas mensagens com os valores e estruturas sociais do Império Romano. Além disso, exploraremos a importância da oralidade na transmissão eficaz da mensagem cristã e na consolidação das comunidades cristãs. Ao examinarmos as escrituras paulinas, percebemos como Paulo de Tarso propôs uma sociedade justa e igualitária, o Reino de Deus, em contraposição ao sistema de patronagem, estrutura desigual e hierárquica que regulamentava o Império Romano. Através da oralidade, Paulo de Tarso conseguiu disseminar suas ideias que tinham como intuito a união das comunidades cristãs, utilizando parábolas e discursos para transmitir suas mensagens de esperança e justiça. Nesse sentido, a oralidade foi uma ferramenta crucial nesse processo, permitindo que Paulo de Tarso adaptasse suas mensagens às diferentes realidades sociais e culturais que circundavam o Império Romano, ao mesmo tempo em que mantinha a essência dos ensinamentos cristãos.

Palavras-chave: Paulo de Tarso; Império Romano, Oralidade; Identidade Cristã.

Abstract

This article aims to analyze the influence of Paul's discourse on the formation of Christian identity, highlighting the contrast between his messages and the values and social structures of the Roman Empire. Additionally, we will explore the importance of orality in the effective transmission of the Christian message and the consolidation of Christian communities. By examining Pauline scriptures, we observe how Paul proposed a just and egalitarian society, the Kingdom of God, in opposition to the patronage system and the unequal, hierarchical structure that regulated the Roman Empire. Through orality, Paul was able to disseminate his ideas aimed at uniting Christian communities, using parables and speeches to convey his messages of hope and justice. In this sense, orality was a crucial tool in this process, allowing Paul to adapt his messages to the different social and cultural realities surrounding the Roman Empire while maintaining the essence of Christian teachings.

Keywords: Paul the Apostle; Roman Empire; Orality; Christian Identity.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la influencia del discurso de Pablo en la formación de la identidad cristiana, destacando el contraste de sus mensajes con los valores y estructuras sociales del Imperio Romano. Además, exploraremos la importancia de la oralidad en la transmisión eficaz del mensaje cristiano y en la consolidación de las comunidades cristianas. Al examinar las escrituras paulinas, percibimos cómo Pablo propuso una sociedad justa e igualitaria, el Reino de Dios, en contraposición al sistema de patronazgo, una estructura desigual y jerárquica que regulaba el Imperio Romano. A través de la oralidad, Pablo logró difundir sus ideas que tenían como objetivo la unión de las comunidades cristianas, utilizando parábolas y discursos para transmitir sus mensajes de esperanza y justicia. En este sentido, la oralidad fue una herramienta crucial en este proceso, permitiendo que Pablo adaptara sus mensajes a las diferentes realidades sociales y culturales que rodeaban el Imperio Romano, al mismo tiempo que mantenía la esencia de las enseñanzas cristianas.

Palabras clave: Pablo de Tarso; Imperio Romano; Oralidad; Identidad Cristiana.

Introdução

Tanto pela análise da tradição bíblica quanto por sua vertente histórica, é inegável a influência de Paulo de Tarso¹ na formação da identidade cristã, especialmente no contraste de

¹ O que sabemos sobre Paulo está nos relatos lucanos de *Atos dos Apóstolos* e nas cartas atribuídas ao próprio discípulo. Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, provavelmente ano 05 d.E.C. Foi um judeu da diáspora, ou seja, era membro de comunidades judaicas que viviam fora da Judéia e estavam espalhados por localidades ao longo do Mediterrâneo. Por ser judeu, como demonstrado na Lei, nos textos sagrados, a *Torá*, recebeu uma primeira educação de seu pai, que o ensinou segundo os moldes da cultura hebraica. Contudo, por ser um judeu da diáspora também recebeu uma formação diferenciada, pois posteriormente fora educado em Jerusalém pelo rabino Gamaliel (*Atos* 22: 3), falando o grego e já entendido no hebraico. Esse proselitismo bilíngue de Paulo facilitou o contato com diversos povos em suas viagens. Ademais, Paulo possuía cidadania romana, enquadrado em um grupo estrategicamente favorecido, o que o permitia o trânsito livre entre os territórios pertencentes ao Império Romano. Contudo, a datação sobre o nascimento de Paulo é discutida ainda hoje pelos estudiosos da

suas mensagens com as estruturas sociais dominantes do sistema de patronagem do Império Romano. Além disso, percebemos a importância da oralidade para uma transmissão eficaz das mensagens cristãs e na consolidação de suas respectivas comunidades ao longo dos primeiros séculos. Logo, principiámos que a construção da identidade cristã e sua perpetuação ao longo dos séculos foram moldadas por diversos fatores, incluindo as contribuições do apóstolo Paulo e a influência do contexto cultural do Império Romano. Sendo assim, neste artigo exploraremos como Paulo se destacou ao propor uma visão de sociedade baseada em princípios cristãos, em contraste com as estruturas hierárquicas e desigualdades do Império.

Em um primeiro momento analisaremos a postura de Paulo em contraposição às estruturas sociais e valores do Império Romano. Abordaremos como Paulo de Tarso propôs uma sociedade igualitária e justa, em contraste com as hierarquias e o sistema de patronagem vigentes na época. Assim, destacamos a visão de Paulo de Tarso de uma sociedade baseada no Reino de Deus, em contraste com as normas imperiais, com o Reino dos Homens, evidenciando a força transformadora dos Cristianismos² e a capacidade do apóstolo de subverter as estruturas estabelecidas. Em um segundo momento, discutiremos a relevância da oralidade na transmissão da mensagem cristã e na construção das comunidades cristãs. Investigaremos como a utilização de parábolas e da arte da retórica por parte de Paulo de Tarso contribuiu para a disseminação dos ensinamentos da “Boa Nova” e a consolidação da identidade cristã em diferentes contextos culturais. Por fim, discutiremos como a oralidade permitiu a adaptação das mensagens de Paulo de Tarso às diversas realidades sociais e culturais, mantendo a essência dos ensinamentos cristãos e promovendo a união das comunidades em torno da mensagem de esperança e justiça.

área, assim como a data de sua morte, variando entre o ano 64 e 67 da era comum. Do mesmo modo, o lugar em que nasceu alterna-se perante alguns olhares historiográfico, podendo ser em Tarso, na Cilícia, ou como argumenta Jerônimo, 347-420, (*De viris illustribus*, 5), em Giscalis, na Judeia. Por outro lado, a história de sua conversão pode soar como contraditória, pois Paulo, conhecido até então como Saulo, fora convertido enquanto empreendia uma perseguição aos cristãos (*Atos* 9). Na Bíblia existem três versões da conversão e, consequentemente, da aparição de Jesus Cristo a Saulo. A primeira está em *Atos* 9: 3-9, quando Saulo e seus companheiros caminham em direção a Damasco e uma luz surge. Nesse contexto uma voz entoa, Saulo e Jesus dialogam e com isso ele fica cego. Em *Atos* 22: 6-11, ocorre a mesma situação, mas seus companheiros não escutam a voz de Jesus, diferente do primeiro momento em que todos escutam. Em *Atos* 26: 12-17 temos uma mudança. Nessa passagem Saulo não fica cego ao ouvir tal voz, que está falando em hebraico, e nada é dito se seus companheiros viram ou ouviram algo. É nessa última versão que Saulo recebe a missão de evangelizar os gentios, os não judeus e futuros cristãos. Ademais, o que sabemos sobre Paulo está nos relatos lucanos de *Atos dos Apóstolos* e nas cartas atribuídas ao próprio discípulo.

² Ressaltamos ao leitor que estudaremos os movimentos de legitimação da fé cristã por um processo heterogêneo, na medida em que a historiografia mais recente adotou o conceito Cristianismos, no plural. Quando mencionamos os estudos que trabalham com o termo Cristianismos estamos nos referindo as pesquisas de CHEVITARESE, 2011; CHEVITARESE e JUSTI, 2015; FRIGHETTO, 2010; SILVA, 2017.

Por meio da análise desses temas, compreendemos como a figura de Paulo de Tarso e a prática da oralidade foram fundamentais para a transmissão da identidade cristã e a expansão dos Cristianismos nas primeiras comunidades, destacando a relevância desses elementos na construção e consolidação da identidade cristã ao longo da história.

“Dai a César o que é de César”: os contrastes do Reino de Deus com o Reino dos Homens

As comunidades cristãs dos primeiros séculos da nossa era foram gradualmente construídas e estabelecidas, integrando elementos da tradição judaica e do paganismo greco-romano. Esse processo de formação foi complexo e multifacetado, refletindo a interação e adaptação cultural e religiosa em um contexto diversificado.

Nesse contexto cosmopolita, observamos que as identidades não existem de forma isolada; elas necessitam de um conjunto de alteridades para serem formalizadas. Essas identidades foram construídas e definidas através de suas relações e interações com o “outro”, destacando a importância da alteridade como um componente fundamental no processo de formação identitária (WOODWARD, 2014, p. 60). Este entendimento é crucial para analisarmos as dinâmicas sociais e culturais que influenciaram a construção das comunidades cristãs ao longo dos territórios que compreendiam o Império Romano nos primeiros séculos, evidenciando a complexa teia de influências e interações que moldaram a identidade cristã emergente.

Assim, a identidade e a diferença são construções mutáveis que, ao serem produzidas por uma oposição binária, mantêm uma inter-relação de dependência mútua. No caso das comunidades cristãs dos primeiros séculos, esse sistema de sujeição se manifesta na maneira como as representações cristãs faziam oposição aos costumes pagãos, judaicos e até mesmo em relação às demais comunidades cristãs, como a querela de Paulo, Pedro e Tiago em relação à prática da circuncisão.

Essas fronteiras³ entre essas identidades funcionavam não apenas como limites entre territórios, mas também como zonas de encontro e locais de formação dessas identidades. Portanto, para que uma identidade se afirme, é necessário marginalizar a diferença, excluindo

³ As fronteiras não são somente as barreiras geográficas, mas refletem os sentidos de ações sobre um determinado espaço ao delimitarem, por exemplo, os limiares do sagrado e do profano (BURKE, 2005, p. 152). Desse modo, essas fronteiras atuam como praças de encontros culturais, zonas de contato ou lugares de convívio, ao circunscreverem valores, símbolos, discursos, práticas coletivas, representações e também funcionando como espaços de negociação e permeabilidade. Nessas fronteiras as práticas discursivas atuam no sentido de transformar demais práticas em representações, ao passo que toda representação possui uma finalidade.

a alteridade da norma (WOODWARD, 2004, p. 40). Esta dinâmica é fundamental para entender como as identidades cristãs emergiram em contraposição às tradições culturais e religiosas do entorno, evidenciando a complexidade das interações sociais na formação da identidade cristã.

Podemos ilustrar esse sistema de contrastes através do estudo da “Boa Nova” paulina, na qual foi construído um projeto cósmico sob o ordenamento da divindade criadora cristã. Nesse projeto, o homem deveria adotar um estilo de vida imerso em regras de conduta, ou seja, regido por uma identidade e uma conduta constante a ser seguida. Nesse projeto, em seus estágios iniciais, as mensagens cristãs não faziam distinção entre a massa de fiéis e os próprios representantes da “Boa Nova”. Todos eram convocados a adotar a mesma postura, rejeitando certos elementos do panteão greco-romano, como os sacrifícios de vítimas e oferendas, além da *contumacia*. Essa uniformidade de conduta e identidade era essencial para a formação e consolidação das primeiras comunidades cristãs, diferenciando-se claramente das práticas religiosas e culturais prevaletentes no ambiente greco-romano. Essa diferenciação também ocorria porque nas preces da elite romana intercediam-se por curas e boas colheitas, em desencontro com os desejos das massas. Desse modo, os cristãos viam nas mensagens da “Boa Nova” uma possibilidade de uma vida melhor, mesmo que projetada para o futuro.

Esta distinção é significativa, pois evidencia como as aspirações e necessidades espirituais das massas diferiam das da elite, levando-as a buscar nos Cristianismos uma alternativa que prometia não apenas benefícios terrenos, mas também uma esperança transcendente e eterna. Eram mensagens “[...] de salvação, de pregação da imortalidade e do sublime apelo à caridade e que vieram de encontro aos anseios da população, cansada da inconsistência pagã, o que explica também a vazão dos demais cultos orientais” (CASTOLDI, 2014, p. 52). Assim, os Cristianismos ofereciam uma resposta abrangente às necessidades espirituais e materiais, diferenciando-se das práticas religiosas romanas que estavam mais focadas em questões imediatas e práticas. “Todas essas religiões, entretanto, embora pretendessem também apresentar uma mensagem de salvação e de imortalidade, não puderam competir com os ideais sublimes do Cristianismo. Nada havia nelas que se assemelhasse à caridade cristã pregada com tanta ênfase por S. Paulo” (GIORDANI, 2002, p. 347).

O que também contribuiu para a diferenciação dos Cristianismos foi a perspectiva de que, no contexto do Império Romano, o paganismo greco-romano não oferecia uma orientação para um *modus vivendi post-mortem*, um *ethos* a ser praticado. Nesse imaginário, o

“[...] culto e a adoração no Templo eram necessários para fins de dádivas como a produção, a colheita e a vitória em alguma guerra que estivesse envolvida determinada cidade-estado” (SILVA, 2013, p. 14). Poucos textos gregos funcionavam como um corpus documental espiritual. Mesmo aqueles com teor religioso, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, eram caracterizados por seu aspecto literário e não por descreverem um *ethos* a ser seguido, um *modus vivendi*. O que se indicava nessa literatura, frente às questões religiosas, permeava as funções administrativas e políticas referentes ao bom funcionamento do Império e “[...] não implicava nenhum credo que impusesse aos fiéis um conjunto coerente de crenças relativas ao além” (SANTOS, 2010, p. 245).

Por outro lado, as retóricas cristãs propiciaram o surgimento de um *corpus* literário evangélico surgido das interpretações das mensagens da “Boa Nova”, das palavras atribuídas, ou não, a Jesus Cristo. Nessas mensagens, o *Antigo Testamento*, a Bíblia Hebraica, era o ponto de partida e o testemunho profético para os fatos narrados no *Novo Testamento*, originário da “Boa Nova”. Foi por meio desse princípio que o discurso paulino defendeu o jugo da Lei como metáfora justificativa para a chegada da revelação na fé em Cristo. “Da Antiguidade ao Cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente procura de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras (FOUCAULT, 2006, p. 290).

Essa liturgia da palavra verificada nos cultos judaicos foi conveniente aos grupos cristãos e possibilitou a assimilação das mensagens da “Boa Nova” com os livros judaicos do *Pentateuco*. Eram livros que compunham a *Torá* e que foram utilizados por Paulo de Tarso e pelos demais discípulos, sendo relidos com o intuito de justificar que Jesus Cristo era o verdadeiro Messias (LANE FOX, 1998, p. 156).

Juntamente à defesa de que Cristo é o Messias e o verdadeiro regente, o discurso paulino preconizava uma sociedade justa (*Romanos* 14: 17), em contrapartida ao desigual mundo romano⁴. Seu discurso, mesmo que de modo indireto, contrasta com os ditames estruturais que regulavam o funcionamento do Império. Era uma sociedade ordenada sob a forma do patronato, um sistema organizacional iniciado durante o período da República e que submetia desigualmente os homens ao esteio do poder imperial. Esse discurso proposto por

⁴ Por meio da “Boa Nova” era pregado, por toda a extensão do Império Romano, que todos os que acreditavam em Cristo eram iguais, como vemos em algumas passagens das *Sagradas Escrituras*: *Lucas*, 10: 27-28; *Atos dos Apóstolos*, 10: 34 ou *Gálatas*, 3: 28. Essa pregação, de caráter original, trazia um sentimento de união interno à comunidade paulina, ao estimular o caráter da universalidade a religião cristã. Portanto, esses discursos tinham como intuito a unificação dos cristãos, os judeus helenizados com os gentios, no estímulo ao abandono às ramificações sectárias que havia, para que ocorresse a unidade sagrada do povo de Israel, os eleitos de Deus.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Paulo promovia uma alternativa ao sistema hierárquico romano, propondo uma sociedade baseada em princípios de igualdade e justiça, contrastando, assim, as normas estabelecidas pelo patronato e enfatizando uma estrutura social mais equitativa e inclusiva.

Visando às possíveis transgressões por parte dos fiéis, Paulo, como legalista e cidadão romano, já escrevia para que os mesmos não se rebelassem, pois “[...] quem se rebela contra a autoridade se rebela contra o Deus que a instituiu e será punido” (*Romanos* 13: 2). O discurso paulino, ao afirmar que todo poder emana de Deus, aceita o poder imperial sob a premissa de sua natureza efêmera, afirmando que todos “[...] devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas” (*Romanos* 13: 1). Esta perspectiva é posteriormente sintetizada na máxima “Daí a César o que é de César” (*Mateus* 22: 21), destacando a separação entre as obrigações cívicas e espirituais. Ao reconhecer a autoridade secular como divinamente ordenada, Paulo de Tarso estabeleceu um discurso que justificava a submissão ao poder imperial enquanto reafirmava a soberania divina como a autoridade suprema.

Essa desigualdade na estratificação imperial foi intensificada pela hegemonia de monumentos espalhados ao longo do Império, que operavam como instrumentos de coesão e controle social. Essas imagens funcionavam como poderosos agentes de comunicação, exercendo o poder em prol do Imperador e almejando a centralização do controle. “A patronagem era amplamente empregada no Império Romano, sendo este o fato de garantia da coesão da sociedade e preservando a autoridade ao imperador, como grande protetor e benfeitor do império” (CAVALCANTI, 2014, p. 231). Dessa maneira, essa estruturação impulsionava a desigualdade entre os estamentos sociais, pois promovia a distribuição desproporcional dos bens de consumo. Quanto maior a demonstração de lealdade ao Imperador, maiores eram os benefícios garantidos, sendo essas manifestações realizadas mediante o culto das imagens imperiais distribuídas ao longo da extensão do Império. Essa ordenação favorecia diretamente as elites locais, assegurando-lhes privilégios na *orbis terrarum* e consolidando o poder imperial através de uma rede de patronagem que reforçava a hierarquia social.

Como forma de proclamar uma sociedade mais justa, mesmo que projetada para o futuro, no Reino de Deus, Paulo de Tarso apresenta uma visão alternativa ao sistema governamental vigente, o Reino dos Homens, afirmando que a salvação e a justiça são alcançadas pela fé em Jesus Cristo (*Gálatas* 3: 11). Essa perspectiva divergia do sistema de patronato, que assegurava ao Imperador o direito divino de governar, e o questionar o caráter

divino da figura do regente o discurso paulino defendeu que a verdadeira liberdade humana é creditada pela fé em Jesus Cristo, e não pelo governo dos homens. Este contraste é ainda mais acentuado quando Paulo de Tarso estabeleceu o Messias como a cabeça e o patrono máximo, redefinindo as bases da autoridade e poder dentro da comunidade cristã e desafiando as estruturas hierárquicas do Império Romano (ELLIOTT, 2004, p. 169).

A dessemelhança do discurso paulino com o Reino dos Homens, com a realidade do Império, também se manifesta nas cartas do apóstolo aos membros da comunidade de Corinto⁵. Nessas mensagens, Paulo de Tarso exterioriza seu descontentamento quanto ao uso dos corpos e abre precedentes para a criação de um modelo comportamental universal aos cristãos. “Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo” (*I Coríntios* 6: 12-20).

Essa desigualdade é intensificada quando Paulo de Tarso anuncia em *Romanos* 13: 11 que “[...] já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé”. Nesta passagem, a retórica paulina altera a imagem de um reino futuro para um reino que está prestes a surgir, justificando o modelo comportamental a ser seguido, especialmente no emprego correto do uso dos corpos (*I Cor.* 6: 20; *I Cor.* 7: 9-11). Este reino iminente é o Reino de Deus, cuja proximidade é evidenciada pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, eventos que concretizam o cenário escatológico do qual as comunidades cristãs fazem parte.

Mesmo que contrariando os preceitos defendidos pela tradição judaica (*Isaías* 24: 11-23; *Zacarias* 9: 14-17), as mensagens paulinas preconizavam que o futuro estava presente como o tempo da decisão. A “[...] ideia de um mundo perfeito, onde Cristo já havia libertado e livrado dos pecados seus habitantes, prejudicava toda uma conjuntura social, que atingia interesses políticos e econômicos de manutenção dos grupos” (SOUZA, 2009, p. 102).

Ao conceber a escatologia do Reino de Deus em oposição à visão de negatividade e desigualdade do Império Romano, as passagens paulinas revelam não apenas um distanciamento, mas um conflito interno entre imaginários. “Em outras palavras, um projeto que para se legitimar como tal necessitava também constituir categorias de alteridade: ‘nós’ e ‘eles’. Em que o ‘nós’ eram aqueles que abriam mão do ‘mundo’ para se alimentar do “único

⁵ Provavelmente escrita na terceira viagem missionária à cidade de Éfeso, entre o final do ano de 54 e o início de 55 d.E.C., a *I Carta aos Coríntios* narra essa divergência entre o Reino de Deus e o Reino dos Homens (*I Coríntios* 6: 9-10).

ção” para constituir um único corpo” (CAVALCANTI, 2014, p. 234). Assim, Paulo de Tarso articula uma identidade cristã que se define em contraste com o mundo secular, promovendo uma coesão interna entre os seguidores de Cristo enquanto demarca uma separação clara dos valores e práticas do Império.

Nesse discurso sobre o futuro, a salvação emerge como um sopro de esperança para aqueles marginalizados na partilha das benesses imperiais do patronato. No Reino de Deus, todos são beneficiados pela solidariedade divina, em contraste com os privilégios do sistema imperial. O Reino de Deus é, portanto, constituído por uma sociedade futura de iguais, independentemente do status de judeus, gregos, servos ou livres (*I Cor.* 12: 13).

Este conceito paulino de igualdade propõe uma reconfiguração radical da ordem social, onde a justiça e a igualdade são alcançadas por meio da fé, subvertendo as hierarquias estabelecidas pelo Império Romano, igualando “[...] aquele que se une ao Senhor em um só espírito com ele” (*I Cor.* 6: 17). Ademais, nesse novo reino esses homens estariam livres da mácula do Pecado Original. “Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação” (*II Cor.* 5: 19-20).

Na concepção dessa nova estratificação da sociedade, Paulo de Tarso incorpora elementos da tradição judaica e da sociedade romana, como a escatologia, a retórica e as hierarquias sociais, permitindo que seu projeto seja pensado em dois níveis distintos. O primeiro nível é o ideológico/igualitário, fundamentado nas promessas do Reino de Deus, que promove uma visão de justiça e igualdade. O segundo nível é prático, evidenciado pelo alerta aos fiéis para que não se rebelam contra as autoridades estabelecidas (*Romanos* 13: 2-7), e pela não contestação do sistema escravista e dos papéis desiguais atribuídos a homens e mulheres (*I Cor.* 7: 20-40; *I Cor.* 11: 3). Dessa forma, Paulo de Tarso cria uma síntese que busca a transformação espiritual e moral da comunidade cristã, ao mesmo tempo em que reconhece e navega as realidades sociais e políticas do Império Romano.

Embora existam essas divergências, é consenso entre os estudiosos da área, como em Gottfried Brakemeier (2008, p. 87), que o discurso paulino não questionou o sistema escravista no contexto do Império Romano (*I Cor.* 7: 20-40), como também não propôs interrogar acerca dos papéis desiguais atribuídos aos homens e mulheres nessa sociedade (*I Cor.* 11: 3). Na alusão de uma referência o reino de César, o próprio Paulo no ano de 57 escrevia para que os cristãos não se rebelassem contra as autoridades instituídas (*Romanos* 13: 2-7).

Por fim, segundo o teólogo Timothy Brookins (2017), uma crítica ao modo como essa sociedade estava hierarquizada não foi o foco dos discursos paulinos, como pode ser interpretado erroneamente em *Gálatas* 3: 28. Em nosso entendimento essa passagem se endereça a uma pregação de cunho interno e que, destinada àqueles que já pertenciam às comunidades paulinas, assume o âmbito batismal. A alegação de que todos os homens são apenas um só em Cristo Jesus e não na figura do imperador serviu como meio de propagar uma certa paz no interior dessas comunidades.

Embora não fosse crítico ao sistema imperial romano, os historiadores André Chevitaese e Daniel Justi (2015, p. 18), defendem a existência de um interesse político por detrás das mensagens paulinas, no esforço de captação de mais adeptos aos movimentos cristãos. Esses discursos propiciaram uma abertura política e ultrapassaram as questões teológicas. Nesse processo, no decorrer do terceiro século e juntamente com a prática das homilias, a elaboração das apologias cristãs contribuiu para essa comunicação, sendo que, segundo Gilvan Ventura da Silva (2006, p. 224), essas obras foram escritas no intuito de promover a paz, a tolerância religiosa, a unidade entre ambas as esferas de poder e, principalmente, divulgar as mensagens da “Boa Nova” cristã às autoridades imperiais, na tentativa de dissipar o preconceito contra os Cristianismos.

A primazia do movimento impugnado por Paulo de Tarso está na permissão da heterogeneização de sua comunidade e, sobretudo, no modo como sua retórica se adequou de acordo com os grupos ou os locais com que se relacionava, favorecendo o processo de conversão que era realizado. É o que Roger Chartier considera como o caráter descontínuo dos discursos (CHARTIER, 1991, p. 31). Foi essa flexibilidade do discurso de Paulo que permitiu o diálogo com as demais correntes não só cristãs de seu tempo, sendo detentor de uma comunicação que se “[...] portou como uma linguagem fronteira e que buscou ressignificar a realidade social a partir de uma nova semântica e de novas formas versar sobre o mundo” (NOGUEIRA, 2015, p. 43).

Esse jogo de poder adotado por Paulo de Tarso não apenas possibilitou a expansão de suas mensagens além das fronteiras sociais do Império, mas também estabeleceu um sentido de unificação da comunidade cristã e uma perspectiva de melhoria de vida. A afinidade com os Judaísmos helenísticos permitiu ao movimento paulino atuar como mediador entre os costumes pagãos e judaicos, questionando a exigência da circuncisão para os gentios e propondo a substituição da Lei pela doutrina da justificação pela fé (GABEL; WHEELER, 1993, p. 193). Essa abordagem não apenas facilitou a adesão de uma gama mais ampla de

seguidores, mas também desafiou as estruturas de poder e hierarquias sociais do Império Romano, oferecendo uma alternativa baseada na igualdade espiritual e na solidariedade comunitária. A análise dessas práticas comunicativas, através da retórica e das parábolas, será o foco do próximo tópico de nossa investigação.

A importância da arte da retórica e das parábolas como empréstimos culturais para a transmissão da “Boa Nova” cristã

Neste tópico continuaremos a refletir sobre os Cristianismos em suas fases iniciais. Nosso objetivo é compreender como os elementos da cultura greco-romana, especialmente a retórica, foram apropriados discursivamente não apenas por Paulo, mas também pelos demais discípulos e Pais da Igreja. Analisaremos este fenômeno no contexto do lento e gradual processo de hierarquização eclesiástica e cristianização do Império Romano. Ao entender essa apropriação, buscamos elucidar como as estratégias retóricas e culturais da época foram utilizadas para fortalecer e expandir a “Boa Nova” cristã dentro das complexas estruturas sociais e políticas do Império.

Para entendermos esse processo retornamos às *Sagradas Escrituras*, como as fontes mais antigas dos Cristianismos, para revelar como os grupos cristãos realizavam suas reuniões privadas nos *oikos* ou *domus*, as residências privadas dos líderes espirituais (*Atos* 12: 12; *Romanos* 16: 5; *I Coríntios* 16: 19; *Colossenses* 4: 15; *Filemon* 1: 2). Essas escrituras nos proporcionam uma compreensão detalhada das práticas e estruturas iniciais das comunidades cristãs, destacando a importância desses espaços domésticos como centros de culto e organização social.

A análise dessas fontes é crucial para entender a dinâmica interna e a evolução das primeiras comunidades cristãs, bem como o papel central dos líderes espirituais na coesão e disseminação da fé cristã. Entretanto, como falávamos nos tópicos anteriores, as pregações das mensagens da “Boa Nova” eram realizadas em locais públicos e sempre que possível para o maior número de pessoas reunidas, como nas proximidades das sinagogas (*Atos* 17: 1-4; *Atos* 18: 4-8).

Devido ao caráter cosmopolita dessas cidades, se era esperado dos líderes cristãos a aptidão para ler em voz alta diante da *ecclesia*⁶, sendo essa Instituição um empréstimo da

⁶ O termo *ecclesia* provém do vocábulo grego, sendo uma assembleia popular e a principal instituição democrática ateniense da Grécia Antiga. Os Cristianismos tomam de empréstimo esse termo, pela circularidade das ideias e no sincretismo entre culturais, transformando-o na missão apostólica da Igreja, como a rocha

cultura greco-romana aos Cristianismos. Esse preparo necessário e requerido para o processo de conversão, na medida em que “[...] a capacidade de ler e/ou escrever não era patrimônio da maioria da população romana, havendo, no Império, amplos contingentes de iletrados” (SILVA, 2017, p. 221).

Em contraste com os líderes da “Boa Nova”, a massa de ouvintes constituía um grupo majoritariamente desqualificado para a leitura dos textos cristãos que circulavam pelos territórios imperiais. Esses textos eram acessíveis ao público principalmente através das pregações e representações imagéticas, como exemplificado pela transmissão do Evangelho de Tiago. Esse método de disseminação evidenciava a dependência dos ouvintes das interpretações fornecidas pelos líderes espirituais, que desempenhavam um papel crucial na mediação e propagação das mensagens cristãs. “Tanto o Proto-Evangelho de Tiago quanto a iconografia são importantes, pois revelam um cristianismo que podemos considerar de ‘fronteira’, pois, apesar da roupagem cristã, ele apresenta expressões e valores híbridos, identificados com o judaísmo e, principalmente, com a cultura helenística” (SANTOS, 2011, p. 14). Parei aqui

Nesses encontros em torno da *ecclesia*, onde se formalizava uma comunidade de ouvintes e espectadores, os líderes cristãos desempenhavam um papel pedagógico fundamental, amplamente favorecido pelo seu domínio da retórica⁷. “A Retórica no mundo romano, diretamente tributária da tradição grega – sobretudo Aristóteles, responsável por sistematizar seus elementos – foi o canal de transmissão desta arte para a cristandade latina” (MAGALHÃES, 2020, p. 152). Essa habilidade retórica herdada do mundo helenístico não só facilitava a transmissão eficaz das doutrinas cristãs, mas também reforçava a autoridade dos líderes eclesiásticos, permitindo-lhes moldar e consolidar a identidade coletiva da

edificante da religião.

⁷ A retórica ocupou um lugar de destaque na história da civilização ocidental, no que concerne à formação do cidadão. Sua gênese remete ao século V a.E.C., no âmbito das cidades-estados gregas, considerada como uma dádiva da deusa *Peitho*, deusa da sedução e da persuasão. Com os sofistas, movimento filosófico do V século a.E.C., a retórica denota um discurso racionalmente persuasivo e organizado, em que a arte da retórica ou a arte da persuasão tinha como principal objetivo o convencimento da plateia sobre um ponto de vista, seja verdadeiro ou não. Platão, na contramão dos Sofistas, acredita que a retórica é a arte que conduz a alma por meio das palavras, porém sempre pelo viés da honestidade. Para o filósofo, a retórica não deve ser usada somente no âmbito jurídico, mas nas reuniões particulares, em que por esse método se chegaria à verdade das coisas. (COSTA, 2019, p. 356). Assim como Platão, Aristóteles, na *Metafísica*, compreende a retórica como a ciência da verdade (*Livro II*, 1, 993b19-21). Valendo-se da técnica da retórica o homem é capaz de em seu discurso (*logos*) argumentar com elegância, persuasivamente, racionalmente e com clareza, sempre em serviço e em prol da verdade (ARISTOTELES, *Retórica*, 1, 1354). Essa técnica acompanhou a expansão romana ao longo da bacia do Mediterrâneo, se fixando na prática educativa no segundo século antes de Cristo, sendo a disciplina protagonista da educação, da *paideia*. Quando os cristãos se valem da retórica greco-romana, na transmissão das mensagens da “Boa Nova”, a mesma já estava inserida na cultura do Império, como parte da própria civilidade. A partir daí a retórica chegou à Idade Média, à Modernidade e está presente até os dias atuais.

comunidade. A retórica, portanto, era uma ferramenta indispensável na articulação das crenças e na manutenção da coesão dentro das nascentes comunidades cristãs.

Nesses encontros defendiam o postulado de que o Espírito do Senhor enviou Jesus Cristo para “[...] levar as boas notícias aos pobres e o enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo” (*Lucas* 4: 18-19). Assim como eram mensagens que refletiam as benesses do Reino de Deus e realçam a percepção do “[...] caráter popular e simples de que foram as gentes dos mais baixos estratos que deram início as primeiras comunidades cristãs, uma vez que os adeptos das camadas mais populares da sociedade encontravam-se restritos de quaisquer influências econômicas ou políticas” (GATT, 2019, p. 226).

Na transmissão dessas mensagens, observamos novamente a projeção das benesses que somente o Reino de Deus proporcionaria, destacando a promessa de um futuro justo e equitativo. Os ouvintes dessas pregações eram frequentemente homens considerados indignos pela rígida estratificação social do Império e desvalorizados pela ordenação governamental do patronato. Essa retórica cristã oferecia-lhes não apenas uma esperança transcendente, mas também um sentido de dignidade e valor que contrastava profundamente com a realidade de sua posição social no sistema imperial romano. Dessa maneira, foi em vista desse sistema desigual que os discursos cristãos pregavam outra forma de justiça para esses homens (*Lucas* 4: 18)⁸, por uma crítica que “[...] decorre de uma realidade, mas não é o seu reflexo. Polemiza, questiona o mundo de onde surge, aponta para a superação dele. É instância crítica da realidade que lhe forneceu as imagens e temática” (VASCONCELLOS, 2003, p. 189).

Além da arte da retórica, outro recurso emprestado que emerge na construção e transmissão dessas narrativas é o uso grego das parábolas, ou *parabole*. As parábolas permitiam uma comunicação eficaz e acessível, facilitando a internalização das doutrinas cristãs e fortalecendo a resiliência e a coesão das comunidades cristãs nascentes diante da adversidade imperial. Através desse método, os representantes da “Boa Nova” cristã expressavam lições morais, promovendo a compatibilidade entre aqueles que sofriam as mazelas do Império Romano e as mensagens de esperança, justiça, e tranquilidade oferecidas pelo Reino de Deus.

⁸ Diferentemente fora a situação inicial da religião cristã em solo africano. Nesse continente os Cristianismos chamaram a atenção dos homens de cultura, provenientes das mais altas camadas sociais.

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

Em seu uso bíblico, essas parábolas também avivaram os contrastes entre a realidade natural da sociedade romana com a verdade espiritual (CHEUNG, 2001, p. 04), em que ao utilizar esse recurso os representantes da “Boa Nova” foram “[...] capazes de tornar a mensagem evangélica compatível com os diversos grupos sociais que compunham a sociedade Tardo Antiga romana” (AUERBACH, 1965, p. 45). Nessa acepção, a utilização das parábolas permitiu que os elementos de conservação do próprio movimento cristão fossem perpetuados durante a recepção dessas mensagens, assim como essa hibridação transcultural do conteúdo transmitido, utilizando instrumentos de comunicação provenientes da cultura helênica, também facilitou a ampliação desses discursos em uma seara pedagógica. Segundo Lane Fox (1998, p. 178), esse dispositivo fez com que a *recitatio* cristã, por vezes cansativa e monótona, fosse rearticulada na promoção de estratégias discursivas, resultando no surgimento de novas formas de transmissão dessas mensagens.

Através da arte da retórica e do uso das parábolas, é inegável que esses empréstimos da cultura helênica desempenharam um papel crucial na ascensão dos Cristianismos. Por meio da arte da retórica e das parábolas, como heranças helênicas, os ensinamentos de Cristo foram disseminados e internalizados pelas primeiras comunidades, contribuindo para a formação de uma identidade cristã coesa e resiliente. Esses elementos permitiram que os discursos cristãos se expandissem e ganhassem espaço nos debates da opinião pública, inicialmente escapando do restrito círculo da intelectualidade greco-romana. A escolha de transmissão dessas mensagens em grego comum, *koine* ou *coiné*, foi primordial para esse movimento de ascendência. Era uma língua que abrangia toda a extensão Oriental do Império Romano e falada ao longo dos territórios que compreendiam a bacia do Mediterrâneo, permitindo a pregação da “Boa Nova” nas localidades mais remotas. O próprio Paulo de Tarso, que tinha o hebraico como língua materna, em suas viagens de conversões realizou a transmissão dos princípios universais da “Boa Nova” em grego (FABRIS, 1996, p. 33).

Tal universalização, na medida em que se deu, ocorreu de modo lento, e surgiu em decorrência de outros fatores que vão além do acolhimento e ordenamento interno da própria doutrina (que coube aos evangelistas registrar). Por certo o grande fator em dependência do qual o cristianismo se universalizou se deu em vista de sua *helenização*, ou seja, em decorrência da requisição, feito uma exigência, de levar a doutrina a *falar grego* (SPINELLI, 2021, p. 231).

Desse modo, antes de se consolidarem como um *corpus* literário evangélico, como o *Novo Testamento*, as mensagens da “Boa Nova” tomaram de empréstimo os elementos da

tradição oral helênica. Mediante essas declarações verbais, os discípulos foram os responsáveis pela transmissão dos ensinamentos cristãos e das benesses do Reino de Deus, de um novo homem. Consequentemente, a expansão e propagação dos Cristianismos foi corolário a esse processo sincrético, sendo esses anunciadores os guardiões da Verdade cristã. Eram homens que pregavam que Jesus Cristo era o caminho, a Verdade e a vida (*João 14: 6*), em que por esse esquema proselitista surgiria esse novo homem em uma tripla dimensão: pela fé, pela Verdade e pelo amor ao próximo.

Considerações finais

Ao concluirmos a análise da influência de Paulo de Tarso e da importância da oralidade na formação da identidade cristã em contraste com o Império Romano, é possível percebermos a profundidade e relevância desses temas para a compreensão do desenvolvimento do Cristianismo nas primeiras comunidades.

Paulo de Tarso, por meio de suas ações e escritos, representou um desafio direto às estruturas de poder e às normas sociais vigentes no Império Romano. Sua proposta de uma sociedade baseada em princípios cristãos, como igualdade, justiça e amor ao próximo, o “Reino de Deus”, contrastava fortemente com o sistema de patronagem e hierarquia romana, o “Reino dos Homens”. Essa postura de Paulo não apenas evidenciava a força transformadora do Cristianismo, mas também apontava para a capacidade da mensagem cristã de questionar e subverter as estruturas estabelecidas, buscando uma sociedade mais justa e igualitária. Ademais, cabe ressaltar que o discurso paulino não questionou o sistema escravista no contexto do Império Romano, assim como não propôs uma reflexão acerca dos papéis desiguais atribuídos aos homens e mulheres nessa sociedade. Em referência ao reino de César, o próprio Paulo, no ano de 57, escrevia para que os cristãos não se rebelassem contra as autoridades instituídas. Portanto, uma crítica ao modo como essa sociedade estava hierarquizada não foi o foco dos discursos paulinos

Por outro lado, a importância da oralidade na transmissão da mensagem cristã e na consolidação das comunidades cristãs não pode ser subestimada. A retórica, como a arte da persuasão, foi amplamente utilizada pelos líderes cristãos para comunicar de forma eficaz as mensagens da “Boa Nova”. Esta habilidade permitiu que as mensagens cristãs fossem apresentadas de maneira convincente e acessível a diversos grupos sociais dentro do Império Romano. Do outro lado, as parábolas, ou *parabole* em grego, foram outra ferramenta crucial, na medida em que essas narrativas curtas e simbólicas, que transmitiam lições morais,

Notandum, ano XXVII, 2024 CEMOrOC-Feusp / GTSEAM

facilitaram a compreensão das mensagens cristãs. Através das parábolas, os líderes cristãos conseguiram expressar conceitos espirituais complexos de maneira simples e envolvente, promovendo uma conexão emocional e intelectual com os ouvintes.

A combinação da retórica e das parábolas ajudou a criar um discurso que não apenas transmitia ensinamentos religiosos, mas também oferecia esperança e justiça a uma população frequentemente marginalizada pelo sistema de patronato do Império Romano. Essas técnicas comunicativas foram fundamentais para a ampliação e consolidação do Cristianismo, permitindo que suas ideias ressoassem amplamente e influenciassem a sociedade romana. Por fim, a oralidade permitiu a adaptação das mensagens de Paulo de Tarso às diferentes realidades sociais e culturais do Império Romano, garantindo a relevância e a eficácia da mensagem cristã em contextos diversos.

Assim, a figura de Paulo de Tarso e a prática da oralidade se entrelaçam como elementos fundamentais na transmissão e perpetuação da mensagem cristã ao longo da história. Seu legado perdura até os dias atuais, inspirando a reflexão, a ação e a vivência dos valores cristãos em meio a desafios e transformações constantes. A união entre a visão de Paulo para uma sociedade justa e igualitária e a eficácia da oralidade na disseminação da mensagem cristã ressalta a importância desses aspectos na construção e consolidação da identidade cristã ao longo dos séculos.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e Notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1994.

BRAKEMEIER, G. *A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto*. Um Comentário Exegético-Teológico. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

BROOKINS, T. (Dis)correspondence of Paul and Seneca on Slavery. In: DODSON, J. R.; BRIONES, D. E. *Paul and Seneca in Dialogue*. Leiden, Boston: Brill, 2017, p. 179-207.

CASTOLDI, T. S. S. *A Igreja que conquistou o Império: História da ascensão do Cristianismo no Império Romano*. 2014, 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2014.

CAVALCANTI, J. As refeições sagradas: o programa paulino de reino de Deus em oposição ao projeto imperial. *Nearco – Revista Eletrônica de Antiguidade*, v. 7, n. 1, p. 228-237, 2014.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 1-34, 1991.

- CHEUNG, V. *As parábolas de Jesus*. Boston: Reformation Ministries International, 2001.
- CHEVITARESE, A. L. *Cristianismos: questões e debates metodológicos*. Rio de Janeiro: Kline, 2011.
- CHEVITARESE, A.; JUSTI, D. B. Identidades e relações de poder nos cristianismos originários: as cartas de Cícero e Paulo em perspectiva comparada. *Antíteses*, v. 8, n. 16, p. 11-30, jul./dez. 2015.
- COSTA, R. da. A retórica na Antiguidade e na Idade Média. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 42, p. 353-390, 2019
- ELLIOTT, N. A mensagem antiimperialista da cruz. In: HORSLEY, R. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.
- FABRIS, R. *Para Ler Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. Ética, Sexualidade. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos*. 2. ed. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. vol. V.
- FRIGHETTO, R. Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV. *Dimensões – Revista de História da Ufes*, v. 25, p. 114-130, 2010.
- GABEL, J. B. J.; WHEELER, C. B. *A Bíblia como literatura*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 1993.
- GATT, P. Do discurso minoritário à ascensão ao poder: o Cristianismo dos primeiros séculos e o processo de aculturação. *Revista Ágora (Vitória)*, v. 29, p. 221-236, 2019.
- GIORDANI, M. C. *História de Roma: antiguidade clássica II*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LANE FOX, R. Cultura escrita e poder nos primórdios do cristianismo. In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. (Org.). *Cultura escrita e poder no Mundo Antigo*. São Paulo: Ática, 1998. p. 154-182.
- JEROME. *De viris illustribus/Les hommes illustres*. Tradução, notas e comentários de Delphine Viellard. Paris: Migne, 2010.
- MAGALHÃES, A. P. T. A *Ars Rhetorica* de Agostinho de Hipona na narrativa das Confissões. *Brathair*, v. 20, n.1, p. 146-163, 2020.
- NOGUEIRA, P. A. de S. O Cristianismo primitivo como objeto da História Cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. *Antíteses*, v. 8, n. 16, p. 31-49, 2015.
- SANTOS, S. F. dos. Oralidade e religião: estudo comparado entre a religião da Grécia antiga e o Cristianismo. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 3, n. 8, p. 243-265, 2010.
- SANTOS, L. C. O cristianismo e o Império Romano: tópicos sobre mobilidade especial, identitária étnica e hibridismo cultural (séc. I-III). *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, v. 2, n. 2, p. 4-18, 2011.

SILVA, G. V. da. A relação Estado/Igreja no Império Romano: séculos III e IV. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro; Vitória: Mauad; Edufes, 2006, p. 241-266. v. 1.

SILVA, G. V. da. A cristianização e seus limites: o caso de Antioquia na Antiguidade Tardia. *Territórios e fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 32-49, 2013.

SILVA, G. V. da. Cultura escrita e comunicação oral no Cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 9, p. 212-233, 2017.

SPINELLI, M. A ascensão do Cristianismo como elemento unificador na Crise do III século. Da helenização macedônica à cristianização romana. In: SILVA, S. C.; ANTIQUERA, M. (Org.). *O Império Romano no Século III: Crises, Transformações e Mutações*. São João de Muriti: Desalinho, 2021. p. 215-254. v. 1.

SOUZA, M. I. B. de. *Gênese do cristianismo: a relação entre judeus e gentios no discurso de Paulo em meados do I século d.C.* 2009, 131f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

VASCONCELLOS, P. L. Quem tiver ouvidos, ouça: vozes e escritas no contexto do Cristianismo primitivo. *Revista Projeto História*, São Paulo: n. 26, p. 183-196, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; Woodward, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 07-72.